

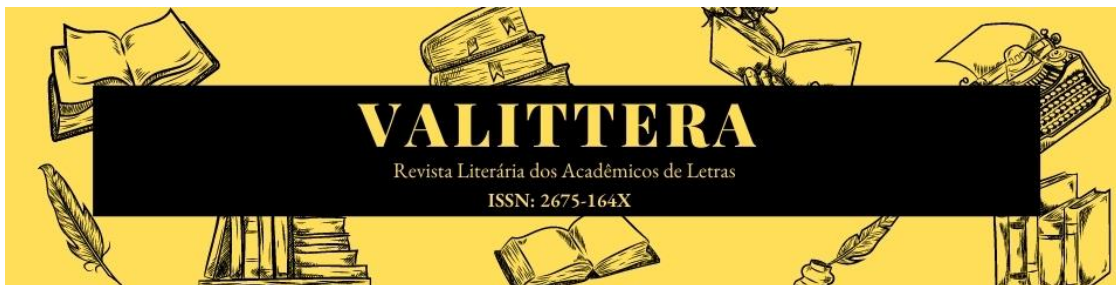
O ESCRITOR

Felippe Gustavo Cunha¹

Seus olhos mal abriam. O gosto de sangue em sua boca completava a agonia que a ardência das feridas sujas em seu corpo causava. Nos breves momentos em que podia ver, conseguia ter a noção de estar no chão e de haver muitas pessoas em sua volta gritando e fazendo gestos, no entanto, nenhuma se movia para ajudá-lo. O que aconteceu para que ele chegasse nesse estado fugia de sua compreensão. Não lembrava de nada, nem mesmo de seu nome. Quase em suas últimas forças, virou a cabeça e teve uma nova perspectiva: havia uma espécie de casa ou quarto abandonado, no telhado haviam mais pessoas gritando e, próximo de si, um homem agachado com uma barra de ferro na mão, o provável agressor. Depois tudo pareceu ficar mais claro quando o homem veio até ele e o golpeou na cabeça. Tonto, foi desacordando aos poucos, a escuridão o alcançou outra vez.

Outra vez acordava, lembrava já um pouco sobre si. Agora já não estava no mesmo lugar, parecia ter sido carregado para dentro do lugar abandonado que vira anteriormente. Era uma espécie de galpão, onde a parte de cima estava cheia de pessoas e embaixo estava somente ele e escombros do lugar abandonado como uma arena. Parecia noite. O homem que o golpeou estava sentado conversando com outras pessoas, a multidão ainda estava lá observando-o, parecia estar mais calma agora. Tudo era como uma espécie de teatro, esperavam o desfecho daquela cena, contudo, não era ficção. Seu corpo todo doía, suas mãos sujas buscavam no chão o fôlego para erguer seu corpo ainda sem vida. Encontrou sua segunda chance de vida e pôs-se de pé, já havia sofrido tanto que não temia mais qualquer coisa que pudessem fazer com ele.

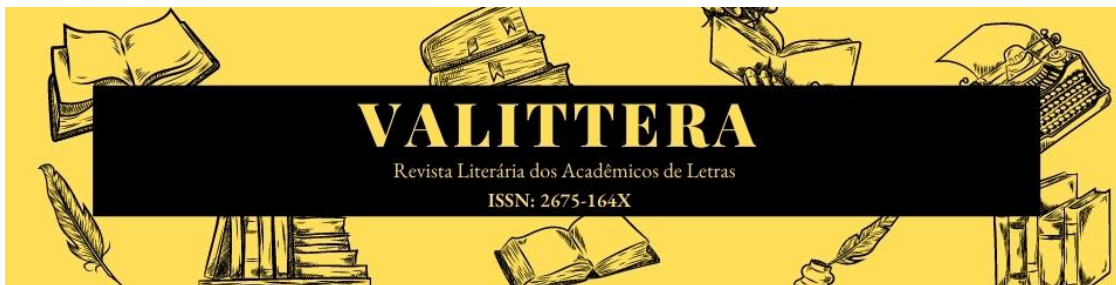
¹ E-mail: felippegustavo10@gmail.com



Limpou seus olhos com sua vestimenta e pôde observar mais o que se passava. Viu as pessoas como se curiosas, pareciam estar ali sem ter a noção do que estava acontecendo, diferente da primeira vista em que todos queriam que ele morresse. Algo teria feito com que eles mudassem. O homem sentado parecia ter poder sobre todos, ele agora trocava olhares com uma mulher ao seu lado e, ao mesmo tempo, dirigia pequenas fúrias nos olhos contra o que havia sido golpeado. As fúrias que tentavam amedrontar-lhe somente alimentavam seu espírito que desejava justiça, queria entender o fato de estar ali sofrendo todas aquelas coisas, sua deficiência afetava a compreensão dos fatos, era surdo e mudo. Em um momento de revolta e desespero, começou a fazer sinais, todos se admiravam. Viu que fez algo bom, pois agora sabiam que ele não podia falar. Imediatamente o Agressor se levantou e fez com que todos se aquietassem. A multidão parou e começou a observar outra vez, como se o procônsul estivesse preparando algo para a plateia. A mulher ao seu lado tirou uma espécie de saco e atirou para baixo onde o ferido estava. Naquela noite fria, o deficiente imaginou ser algo que pudesse o trazer um pouco de conforto após tanta tortura, algo que poderia levar um pouco embora sua dor, ou algo para aquecê-lo daquela noite sombria, lúgubre e solitária para um homem que não sabe seu lugar no tempo e no espaço. Enganou-se em parte.

Sua fome o alimentava de ódio. Foi atirado para baixo um lápis e um papel amassado enrolado numa pedra para dar peso ao saco. Entendeu aquilo como uma oportunidade de se comunicar. Olhou para cima e viu todos apreensivos esperando sua iniciativa. Decidiu não se comunicar, pois não havia nada que pudesse fazer para mudar o fato de estar beirando uma morte por ter sido torturado sem saber o motivo, de estar em um lugar desconhecido com pessoas desconhecidas fazendo algo desconhecido para si mesmo, a saber, tentando comunicação com quem estava o fazendo mal.

Decidiu revidar suas dores e se defender usando somente as armas que tinha em suas mãos: o lápis e o papel. Abriu o papel amassado e tentou ajeitá-lo, começou a escrever, os olhos dos observadores eram como leões que espreitavam a presa esperando o momento correto para atacar. O pobre ferido parecia esses personagens bíblicos, sua fé inabalável era capaz de fazer com que os leões virassem cães mansos. Como um cientista que usa de seu



conhecimento sobre a física e a química para projetar uma bomba, o Escritor fazia seu ofício sem temer as consequências. Talvez inocentes como ele fossem atingidos por suas palavras, talvez muitos morressem, mas não lhe importava, era a única coisa que poderia salvá-lo. Rapidamente, teve outra ideia, poderia não projetar uma bomba, e sim algo em específico, como um atirador de elite, eliminar somente os alvos principais. Mudou o percurso de sua destra. Decidiu pagar o mal com o bem, pôs amor em seu ofício.

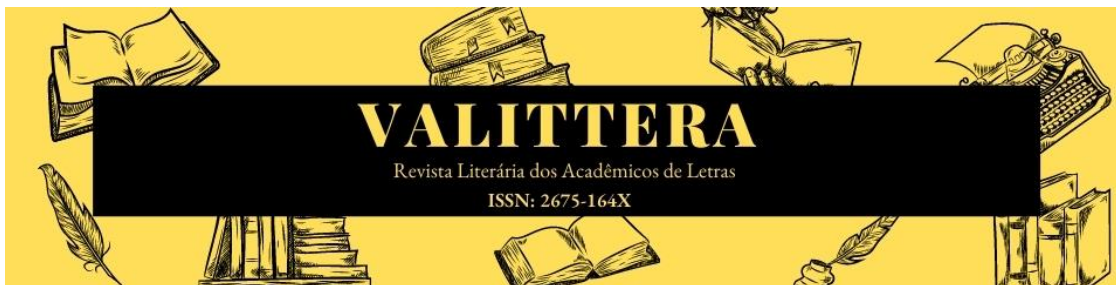
Após terminado, enrolou o papel na pedra, guardou o lápis em seu bolso e colocou com jeito na bolsa, não ousou atirar para cima, pois poderia acertar alguém provocando uma confusão, foi mancando até onde havia um espaço vazio pela multidão de cima, jogou levemente a sacola com a pedra e o papel para o chão vazio, teve êxito. Rapidamente pegaram o saco e levaram até a mulher ao lado do Agressor. Ela abriu e leu em voz alta:

“O Sábio

Diante da vida e do tempo estava o sábio em silêncio. Eles disseram que eram ilusão ao sábio, este continuou calado. O amor chegou e disse que era uma ilusão também, o sábio rompeu seu silêncio e respondeu que era um tolo. O tempo, a vida e o amor sorriram, disseram estar diante de um verdadeiro sábio”.

Todos começaram a discutir imediatamente, uns achavam que o Escritor era apenas um homem querendo chamar a atenção e ganhar tempo para pausar suas torturas, outros diziam que ele realmente queria dizer algo por meio de comparações. Até que o Agressor se elevou da cadeira e fez um gesto pedindo silêncio. Pediu para que lhe trouxessem mais papéis pequenos e grandes, usaria os grandes para se dirigir e deixaria os pequenos para que o Escritor respondesse. Jogaram diversas folhas para baixo. O Escritor rapidamente juntou-as, tinha a esperança de continuar. No entanto, o Agressor começou a escrever em um pedaço de papel maior, como um cartaz. E deixou a seguinte mensagem “Você irá morrer, mas antes, irá pagar pelo seu crime e nos explicar o que você escreveu antes e, se continuar com enigmas, será tomado o lápis de ti e não haverá mais em teus braços mãos para segurá-lo... Seja sábio”.

O Escritor ficou mais tenso após essa mensagem assim como as pessoas que observavam. Pensou em não mais escrever. Entretanto, seu impulso, fortalecido pela atmosfera de expectativa criada pelas pessoas, cooperou para que sua destra continuasse a



alterar aquela realidade. Tomou uma folha de papel para si, iniciou a escrita. Em pouco tempo a mulher já lia a segunda folha feita pelo Escritor.

“Invisível

Existia um homem que andava pela rua que despertava a atenção de todos: todos o percebiam de costas, porém, a parte da frente de seu corpo era invisível. Não sabiam como ele se comunicava ou que expressões faciais ele poderia estar fazendo. A única forma de comunicação dele era a afirmação e a negação com a parte detrás da mão, não justificava. Até que um dia, uma criança disse para os pais que conseguia vê-lo. Todos ficaram surpresos e pediram para que a criança descrevesse o que via. O menino disse que o seu rosto era infinito, barba, cabelo e olhos de chamas, seu corpo era um oceano e suas vestes eram tempestades, sua voz era de trovão e sua mão dava a vida. Seu nome era poesia”.

Rapidamente começou um alvoroço assim que terminou de ler. Para uns, era mais uma ladainha do Escritor, para outros, tratava-se de uma pessoa misteriosa com intimidade com a arte. A briga se intensificava, começaram a atirar fezes, pedras e lixo no Escritor enquanto outras pessoas tentavam alcançar o Agressor para conter a situação e dar mais oportunidades ao Escritor.

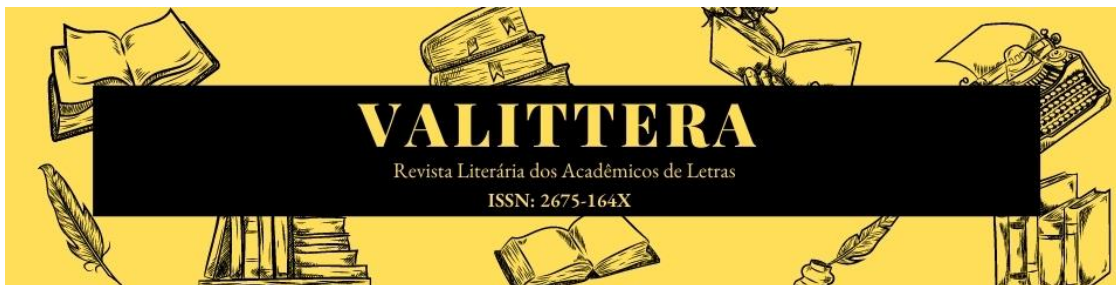
O Agressor percebeu que a indignação de algumas pessoas poderia vir a ser um problema, pediu para que todos ficassem calmos e bolou uma proposta para o Escritor, afim de lhe render um pouco mais de tempo. Escreveu algo em um cartaz grande para que o Escritor não tivesse êxito sobre parte das pessoas, intervindo em sua própria morte.

“Escritor, muitos se admiram pelo o que você tem feito. Todos despertaram certa curiosidade por você, mas nada disso apaga tudo o que você já fez. Não darei mais infinitas possibilidades para que continue seu jogo, você tem direito apenas a dez folhas, já usou duas, restam oito, após isso, será morto!”.

O Escritor chorou. Escreveu.

“O Soldado

O soldado lutava bravamente, matava muitos inimigos e conseguia acender a chama da coragem em seus companheiros. Parou para descansar. Perguntou a si o motivo de sua luta, viu que não era sua luta”.



Um jovem se levantou ao fundo da multidão e começou a gritar dizendo que o Escritor denunciava o Agressor, muitos estavam ali e não sabiam nada sobre o motivo dos fatos. Isso causou uma profunda reflexão em todos, o Agressor temeu. Essa era a terceira folha gasta pelo Escritor. A mulher que lia as folhas estava cada vez mais titubeante. O Escritor secou suas lágrimas e estava pronto para morrer, sabia que tinha apenas mais algumas folhas e decidiu por ali sua alma.

“Lição

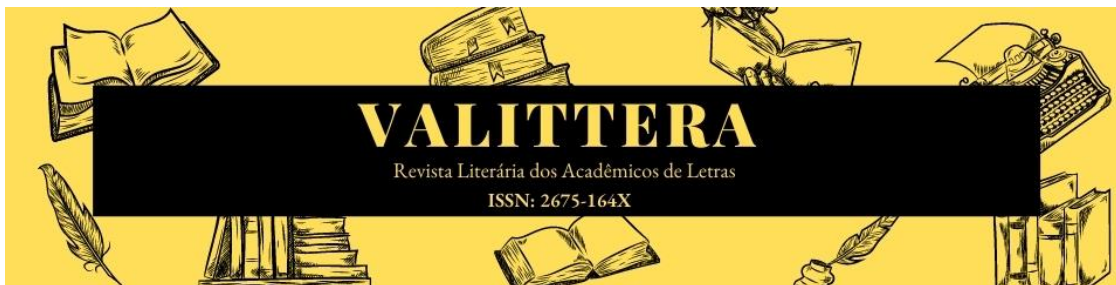
O jovem queria virar homem. Para isso, buscou as coisas de homem. Conbecu a relação. Amou amar, não determinada mulher. Ficou só e percebeu que o amar exige uma mulher. Contudo, só queria amar, eis a relação: a vida lhe trouxe uma lição.”

O mesmo jovem que havia se manifestado anteriormente ficou chocado. Ele havia passado por um problema amoroso com a própria mulher que lia os papéis feitos pelo Escritor. Esse era um segredo que apenas os dois mantinham, a curiosidade acerca do Escritor e de sua vida aumentava. As pessoas dali pareciam ser ignorantes sobre o amor, já o Escritor parecia ser amigo íntimo do próprio sentimento. O silêncio mudou um pouco a atmosfera daquele grande teatro. O Escritor já não parecia o gladiador na arena, o Agressor não mais parecia o procônsul, pareciam estar todos no julgamento final diante do salvador e do acusador. As palavras eram as leis e o Escritor fazia o bom uso delas, pegou a próxima folha e continuou sua batalha.

“A Intensa e ansiosa

A mulher intensa olhou para si no espelho e se avaliou. Percebeu seus pontos fracos e decidiu mudar. Ficou ansiosa com a mudança que nunca chegou a tentar.”

Espontaneamente, após ler, a mulher deixou escapar bem alto, em um tom assustado e surpreso um “sou eu”. A multidão voltou a murmurar, acreditavam haver ligações e conspirações, até que o jovem contou os fatos sobre a folha anterior sobre a lição e todos ficaram ainda mais admirados, o furor acerca do Escritor estava se transformando de tal



forma que o Agressor já não sabia bem o que fazer. Em seus receios deixou as coisas como estavam.

Algumas pessoas buscavam ir embora e tentavam fugir ocultamente, mas o Agressor impediu que qualquer pessoa saísse. Eles temiam que seus segredos fossem revelados pelo Escritor, assim como acontecera antes. Uma jovem tímida foi pega do lado de fora. O Escritor caiu sem forças. Já não conseguia se pôr de pé. Na queda seu lápis quebrou, o Agressor disse que esse seria o fim, suas oportunidades foram dadas e não havia mais nada que pudessem fazer por ele. O Agressor negou emprestar sua caneta ao debilitado. Desceu e foi lentamente com um punhal até o Escritor. A jovem tímida queria dizer algo, mas sua timidez era algo que a impedia de muitas coisas. O homem que havia impedido sua fuga percebeu. Em seus cabelos presos havia um lápis, rapidamente ele pediu o lápis e o atirou para baixo. O Agressor ficou sem saber o que fazer. Todos gritavam para que ele saísse do meio e deixasse o Escritor continuar. E assim foi feito. Escreveu deitado. A mulher que lia as folhas passou a ir busca-las embaixo.

“Recíproca

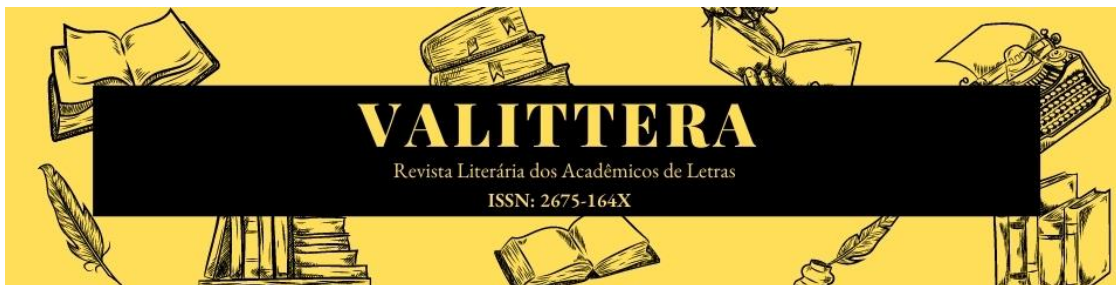
Ela queria ser amada sem ser entendida e sem se expressar.”

A jovem tímida não se conteve e disse ao homem que havia tirado o lápis de seu cabelo que essa folha parecia ser sobre ela. O homem que a havia visto a acalmou. Nisso, o Agressor perguntou de quem era o novo lápis. O homem para evitar expor a tímida, disse que era seu. O Agressor mandou matá-lo. Os olhos da tímida encheram-se de lágrimas e ela tentou esconder, o Escritor observava tudo. Como se nada tivesse acontecido, o Agressor apressou o processo. Inconformado, o Escritor continuou.

“Olhares

Olharam-se. Criaram uma eternidade entre essa troca. Depois nunca mais se viram.”

A jovem se derramou em lágrimas, um pastor que estava ali veio recolher todas as lágrimas do chão, junto a alma da jovem, a multidão parecia estar comovida e ter entendido o fato. Viram muito mais no Escritor. O jovem começou a gritar para que não o matassem,



pois, o Escritor era um bom homem. O pastor reforçou seu grito, junto a jovem tímida, logo ouviu outro alvoroço, o Escritor parecia ter conquistado as pessoas. A mulher que lia as folhas ficou com medo da reação do Agressor, este pediu silêncio e disse para que não se esquecessem do que realmente fez o Escritor. Manteria sua palavra até o fim, restavam apenas três folhas ao Escritor antes de sua morte. Fez um gesto ao Escritor que estava deitado ainda. Mal conseguia se mover, contudo, com pequenos movimentos conseguiu uma posição para escrever, continuou seu ofício.

“O Bom Pastor

Levou um grande rebanho ao Reino dos Céus e não entrou.”

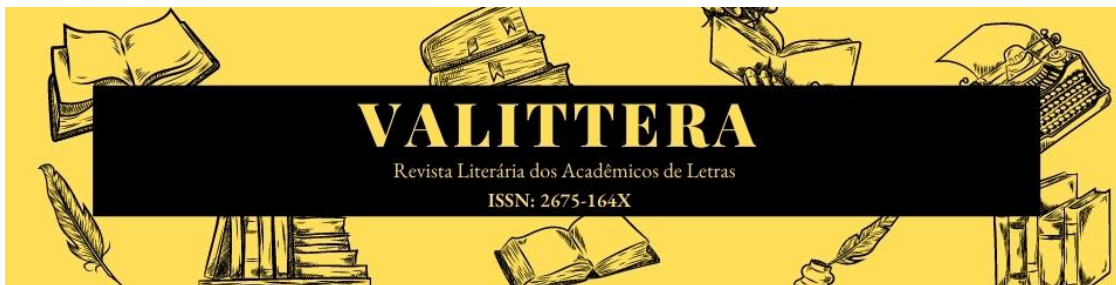
O pastor sabia do que se tratava, o Escritor o observou olhando o decote da jovem e também seu colar de ouro. Temeu qualquer coisa que poderia acontecer ali, foi para um canto e começou a clamar a Deus por sua salvação. A multidão estava perdida a essa altura, arrependiam-se de ter ofendido e ferido o Escritor antes. O céu parecia estar em silêncio, a voz inexistente do Escritor tornou-se um grito naquele lugar pela escrita, as pessoas pareciam estar se encontrando em um labirinto que a vida havia imposto a todos.

A mulher que lia os textos se sentiu mal, parecia se sentir culpada pelo erro do jovem, esperava o desfecho daquela história para buscar a paz interior e exterior indo ter com ele. Contudo, observou o Escritor dirigindo seu olhar para ela de uma forma sugestiva, esperou a próxima folha. O Escritor fez seu ofício, já quase desmaiando de cansaço.

“Berço

Ela pensava que ele dormia e estava cansado em seus braços, quando na verdade ele estava somente no berço de sua paz.”

Ela entendeu que o jovem já havia aprendido a lição e se tornaria um homem assim que encontrasse sua paz outra vez, a saber, algo que somente ela podia propor. Ela buscou com os olhos o jovem no meio da multidão e o viu ao lado do pastor de joelhos. Agora todas as outras pessoas da multidão estavam na expectativa, era a última folha disponível para o Escritor. O Escritor parecia confiante, não temia sua morte. Sorriu enquanto escrevia sua



última folha. A mulher estava ao seu lado, apanhava as folhas e as lia ali ao seu lado, não ousava tocar o Escritor, temia morrer também. Pegou a última assim que terminada, olhava nos olhos do Escritor.

“O Escritor

O Escritor escreveu a mentira e todos leram a verdade”.

Todos ficaram confusos após essa folha. Não sabiam o sentido do que ele havia escrito. O Agressor já se levantava para matá-lo. A mulher pediu tempo para o Agressor, vendo que todos concordavam com o pedido, cedeu. Ela pegou um papel e questionou o motivo dele ser um Escritor. Ele pegou uma outra folha e começou a escrever quase fechando os olhos.

“Ela, a literatura, abre novas perspectivas sobre a realidade. Nós enxergamos como as coisas poderiam ser, observando que existe um meio melhor para o mundo. Por mais difícil e ficcional que pareça, existe esse meio.... É ele quem nos traz a esperança e nos dá a visão da paz. No fundo, nós cremos que as coisas poderiam ser melhores, acreditamos que algo pode ser perfeito de acordo com nossa perspectiva e almejos, entretanto, devemos lembrar que isso não é dado e sim construído em nós por nós. Primeiramente em nós, em nosso interior, depois em nosso exterior, na realidade; a literatura é uma arma. Esse é o trabalho do escritor, moldar interiores para alterar exteriores, usando a arma. Eu acredito na literatura e vivo por ela... Agora me diga o motivo disso tudo que estou passando com o Agressor?”

A mulher sorri e responde em um papel: *“Tudo é criação sua.”*

O escritor se reconhece... Abre os olhos e vê seu rascunho na mesa, os papéis e a caneta ao lado.